

## LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

*Quase dez mil quilômetros de litoral. O Brasil é mundialmente famoso por suas praias, mas o mar também é elemento de grande força simbólica no campo literário, e não apenas em nosso país. Escritores de diferentes tempos relacionam o mar com ações contraditórias: é aquele elemento sereno, que traz a vida, mas também é cenário de turbulência, que provoca mortes e desgraças. Muitas vezes, até mesmo a ausência do mar transforma-se em material poético. Em outras, o mar é personificado, e poetas com ele conversam. Metafórico, calmo, tenebroso, ambivalente: o mar, essa imensa massa de água salgada, é a matéria que unifica as questões de literatura que você irá responder.*

**INSTRUÇÃO:** Para responder à questão 31, leia o poema “Mar português”.

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

**31)** Com base no poema, assinale a alternativa **INCORRETA**:

- A) O poema é de autoria de Fernando Pessoa, um dos mais célebres escritores da língua portuguesa, que deu vida a três famosos heterônimos: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.
- B) “Mar português” foi retirado de *Mensagem*, único livro publicado em vida, em língua portuguesa, por seu autor – obra que já tematiza a decadência lusitana percebida no início do século XX.
- C) O poema trabalha com a ambivalência simbólica do mar, uma vez que ele foi o palco para grandes conquistas lusitanas, no período das navegações, mas também representa o cenário tenebroso de naufrágios e outras desgraças.
- D) Os versos, de certa forma, questionam a glorificação lusitana do tempo do Império, já que lançam indagações a respeito dessa era de ouro. Por isso, podemos considerar este poema como um contraponto ao épico e nacionalista *Os Lusíadas*, de Camões.
- E) Por ser modernista, observamos que este soneto rompe com a tradição literária, apresentando uma métrica livre, ainda que com rimas emparelhadas (AABBCC).

**INSTRUÇÃO:** Para responder à questão 32, leia o excerto do poema “Meus oito anos”, e analise a pintura “História trágico-marítima”, da portuguesa Maria Helena Vieira da Silva. A artista e seu marido, o também pintor húngaro Árpád Szenes, vêm ao Brasil para fugir das perseguições contra os judeus, e aqui vivem de 1940 a 1947.

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!(...)

O mar é – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida – um hino d’amor!



Pintura: “História trágico-marítima” ou “O naufrágio”, criada em 1944.

- I. A passagem do poema, escrito por Casimiro de Abreu, apresenta as saudades de uma infância mítica, e os elementos da natureza reforçam essa idealização tipicamente romântica.
- II. O título da obra de Vieira da Silva faz referência aos horrores dos naufrágios marítimos, na época das grandes navegações. No entanto, o contexto da sua criação, 1944, permite-nos afirmar que a pintura traz o naufrágio como metáfora dos horrores da guerra.
- III. É perceptível, na obra de Vieira da Silva, a influência do movimento realista, a partir da exatidão dos traços sombrios do desenho, na denúncia da guerra.
- IV. Comparativamente, o excerto do poema, se um quadro fosse, apresentaria formas claras, nítidas e estáticas, uma vez que “Meus oito anos” está muito longe das intempéries e turbulências: tudo é belo e sossegado, inclusive o mar.

**32)** As afirmativas corretas são:

- A) I e II, apenas.
- B) II e III, apenas.
- C) III e IV, apenas.
- D) I, II e IV, apenas.
- E) I, II, III e IV.

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 33, leia o poema “O mar”, de Cruz e Sousa.**

Que nostalgia vem das tuas vagas,  
Ó velho mar, ó lutador oceano!  
Tu de saudades íntimas alagas  
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,  
Do teu gemer nas desoladas plagas,  
Sai o quer que é, rude sultão ufano,  
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! ó mar! embora esse eletrismo,  
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,  
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com bom humor das tuas  
Nevroses colossais, bastam-me as luas  
Quando fazem luzir os seus metais.

Com base no poema e em seu contexto, preencha os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

- ( ) A obsessão pelo branco, uma das características de Cruz e Sousa, aparece de forma intensa neste poema.
- ( ) O soneto, através do uso da personificação, estabelece uma relação de correspondência entre o mar e o poeta.
- ( ) O mar surge, no poema, como um elemento catalizador de memórias e de inspiração.
- ( ) O soneto expressa forte musicalidade, revelada no cuidado com a linguagem, embora seja composto de versos brancos.

**33)** O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- A) F – V – V – V
- B) F – V – V – F
- C) F – V – F – F
- D) V – F – V – V
- E) V – F – F – V

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 34, leia o trecho do conto “As águas do mundo”, de Clarice Lispector, e as afirmativas que seguem.**

Aí está ele, o mar, o mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões. Ela olha o mar, é o que se pode fazer.

Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra. São seis horas da manhã. Só um cão livre hesita na praia, um cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga. A mulher hesita porque vai entrar. Seu corpo se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite manter-se quente e é essa exiguidade que a torna pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio das seis horas. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora da manhã, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização. Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem.

- I. O trecho apresenta uma abordagem filosófica sobre as existências do homem e do mar, a partir de inferências e questionamentos.
- II. A passagem, intimista, revela uma das principais características da obra de Clarice Lispector.
- III. Segundo o trecho, o homem não é um ser livre porque tem a capacidade de autoquestionar-se.
- IV. O trecho também apresenta uma abordagem existencialista, mostrando que a união da mulher com o oceano a faz conhecer-se melhor e, finalmente, desfrutar o mar como os outros humanos.

**34)** Estão corretas apenas as afirmativas

- A) I e II.
- B) II e IV.
- C) I, II e III.
- D) I, III e IV.
- E) II, III e IV.

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 35, leia a passagem a seguir, referente a uma marcante personagem da literatura brasileira, e preencha as lacunas do texto relacionado ao excerto.**

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Narrada por \_\_\_\_\_, a obra \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, traz uma das mais cativantes personagens da literatura brasileira: \_\_\_\_\_.

35) A alternativa correta para o preenchimento das lacunas é

- A) Leôncio – *A escrava Isaura* – Bernardo Guimarães – Isaura
- B) Brás Cubas – *Memórias póstumas de Brás Cubas* – Machado de Assis – Virgília
- C) Martim – *Iracema* – José de Alencar – Iracema
- D) Bentinho – *Dom Casmurro* – Machado de Assis – Capitu
- E) Fernando – *Senhora* – José de Alencar – Aurélia

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 36, leia os versos do poema *Mar absoluto* e considere a informação sobre o(a) autor(a).**

Foi desde sempre o mar,  
E multidões passadas me empurravam  
como o barco esquecido.

36) Um dos nomes da literatura brasileira que mais utilizou o mar como matéria poética, com títulos como *Viagem*, *Vaga música* e *Mar absoluto*, foi

- A) Adélia Prado.
- B) Cecília Meireles.
- C) Vinícius de Moraes.
- D) João Cabral de Melo Neto.
- E) Carlos Drummond de Andrade.

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 37, leia o excerto a seguir, da obra *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa.**

Daí, dos demais, deu tudo vagalume. – “Olha quanto mija-fogo se desajuntando no ar, bruxolim deles parece festa!” (...) Dito arranjava um vidro vazio, para guardar deles vivendo. Dito e Tomezinho corriam no pátio, querendo pegar, chamavam – “Vagalume, lume, lume, seu pai, sua mãe estão aqui!” Mãe minha Mãe. O vagalume. Mãe gostava, falava, afagando os cabelos de Miguilim: – “O lumêio deles é um acenado de amor” (...) Um vagalume se apaga descendo ao fundo do mar. – ‘Mãe, que é que é o mar, Mãe?’ Mar era longe, muito longe dali, espécie duma lagoa enorme, um mundo d’água sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. – ‘Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudade?’ Miguelim parava. Drelina espiava em sonho, da janela.

Com base no excerto e em seu contexto, considere as seguintes afirmativas:

- I. O texto de Guimarães Rosa provoca um estranhamento no leitor, por conta de seus desvios linguísticos, como inversões sintáticas, emprego de um léxico sertanejo e utilização de neologismos.
- II. A definição do mar, trazida pela mãe, primeiramente é espacial, relacionada à ausência. Apenas num segundo momento essa definição é figurativa.
- III. Com estrutura narrativa complexa e linguagem inovadora, *Os Sertões* é a obra-prima de Guimarães Rosa.
- IV. Podemos inferir pelo trecho que Miguelim, na verdade, conheceu o mar quando menor, uma vez que provavelmente sente saudade do tempo em que brincava na praia como as outras crianças.

37) As afirmativas corretas são

- A) I, apenas.
- B) I e II, apenas.
- C) II e III, apenas.
- D) III e IV, apenas.
- E) I, II, III e IV.

**INSTRUÇÃO: Para responder à questão 38, leia o trecho da canção *É doce morrer no mar*, de Dorival Caymmi e Jorge Amado, e o excerto de *Mar morto*, de Jorge Amado.**

É doce morrer no mar  
Nas ondas verdes do mar  
A noite que ele não veio  
Foi de tristeza pra mim  
Saveiro voltou sozinho  
Triste noite foi pra mim (...)  
Nas ondas verdes do mar meu bem  
Ele se foi afogar  
Fez sua cama de noivo  
No colo de Iemanjá

Os meninos que saíam da escola nunca tiveram nenhum desses pensamentos. O destino deles já estava traçado. Era a proa de um saveiro, os remos de uma canoa, quando muito as máquinas de um navio, ideal grandioso que poucos alimentavam. O mar estava diante dela e já tragara muitos alunos seus, e tragara, também, seus sonhos de moça. O mar é belo e é terrível. O mar é livre, dizem, e livres são os que vivem nele. Mas Dulce bem sabia que não era assim, que aqueles homens, aquelas mulheres, aquelas crianças, não eram livres, estavam acorrentados ao mar, estavam presos como escravos, e Dulce não sabia onde estavam as cadeias que os prendiam, onde estavam os grilhões dessa escravidão.

Com base nos excertos, preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- ( ) Tanto a canção quanto o excerto apresentam a ambiguidade da relação positiva e negativa do homem com o mar.
- ( ) De acordo com o excerto de Amado, entre as possibilidades de trabalho no mar, exercer a atividade num navio é sonho acalentado por quase todos os meninos que saem das escolas.
- ( ) O repouso junto a orixás africanos pode ser visto como uma forma de suavizar a morte no mar, de acordo com a canção.
- ( ) Dulce vê o mar de modo benéfico, como um espaço para a liberdade do homem confinado às agruras da vida nas cidades.

38) O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- A) V – F – V – V
- B) F – F – V – V
- C) V – V – F – V
- D) V – F – V – F
- E) F – V – F – F

---

**INSTRUÇÃO:** Para responder à questão 39, leia o excerto abaixo, retirado da obra *Max e os felinos*.

Uma noite Max acordou com a sensação de que algo anormal ocorria a bordo. (...) Só então Max se deu conta: o navio estava afundando. Os barcos desciam rapidamente, e logo não havia mais ninguém a bordo. (...) Ao clarear do dia viu-se sozinho na vastidão do oceano. Enorme angústia apossou-se dele; pôs-se a chorar desabaladamente. Que triste situação. Que triste vida. Infância não de todo feliz; adolescência atormentada; fuga precipitada da pátria e agora isso, o naufrágio! Era demais.

39) Sobre Moacyr Scliar, autor do excerto, é correto afirmar:

- A) Também publicou as obras *Dançar tango em Porto Alegre*, *Cães da Província* e *Os voluntários*.
- B) Apesar de ter contos e romances publicados, é mundialmente reconhecido por sua produção poética.
- C) Dedica um olhar atento ao homem do campo, especialmente ao pequeno trabalhador rural, num cenário de decadência e miséria.
- D) Elege como uma das principais temáticas de sua obra a representação da vida judaica porto-alegrense, em especial no bairro Bom Fim.
- E) Embora fosse médico, nunca chegou a explorar as relações entre literatura e medicina em suas obras, por acreditar serem elas de naturezas inconciliáveis.

---

**INSTRUÇÃO:** Para responder à questão 40, leia o trecho do conto “Bárbara”, de Murilo Rubião.

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava. Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. (...) Pediu o oceano. Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano. No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafinha entre os braços e, quando acordada, colocava-o contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava.

40) Com base no trecho e em seu contexto, assinale a alternativa **INCORRETA**:

- A) A reciprocidade no afeto parece ser uma marca do casal retratado no trecho.
- B) O marido demonstra não se surpreender com os pedidos de sua esposa, e este comportamento provoca um estranhamento no leitor.
- C) A natureza insólita e ambígua da relação do casal é um elemento que reflete a adesão de Murilo Rubião a uma estética relacionada à literatura fantástica.
- D) O trecho apresenta algumas construções inusitadas, que quebram a lógica de causa e efeito, como, por exemplo: “pedia e engordava”.
- E) Murilo Rubião tem uma produção literária centrada mais em contos do que em romances.